



Turistas se encantam com os mistérios da ilha, muitas vezes sem pensar no drama de seus habitantes

Ilha da Páscoa: massacres no umbigo do mundo

Alembança da Ilha da Páscoa nos traz gigantescas estátuas de lava, que, se fossem dotadas de vida, chorariam pelos tantos massacres que presenciaram ao longo do tempo

Alexandre Raposo

Os famosos moais pascoenses constituem um dos grandes enigmas arqueológicos de todos os tempos, capazes de incendiar a imaginação de qualquer um que pretenda iniciar-se em seus mistérios. Mas o que pouca gente sabe é que à sombra destes monumentos pré-históricos desenrolaram-se terríveis tragédias. E se essas portentosas estátuas de lava fossem subitamente dotadas de vida, a sua primeira reação seria a de verter sentidas lágrimas pelos tantos massacres que presenciaram ao longo do tempo.

Desde a sua descoberta, em princípios do século XVIII, até bem recentemente, o povo desta pequena ilha perdida na desolação do Pacífico Sul vem sendo aviltado pelos visitantes estrangeiros.

A primeira leva de carrascos a aportar na ilha chegou a 6 de abril, Páscoa

de Ressurreição do ano de 1722, a bordo de uma frota de três navios comandados pelo holandês Jacob Roggweeen, que navegava o Pacífico a soldo da Companhia das Índias Ocidentais. Foi visita relativamente curta, que terminou com um saldo tremendamente desfavorável para os nativos: 13 mortos em troca de uma toalha de mesa e alguns chapéus.

Roggweeen não deu muita importância às enormes estátuas de lava e nem compreendeu a sua natureza monolítica; julgou-as moldadas em formas, como figuras de gesso. Foi o navegador, entretanto, quem



HISTÓRIA

ILHA DE PÁScoa



O centro cerimonial Orongo tem figuras talhadas em pedra, perto do vulcão Rano Kao

batizou a ilha com o nome óbvio que prevalece até hoje, apesar dos habitantes ainda preferirem chamá-la de Rapa-Nui (ilha Grande), denominação que igualmente não corresponde à realidade de uma ilha com superfície total de 180 km².

Em 1774, a ilha recebeu a visita do célebre explorador britânico Sir James Cook, que passou oito dias em Páscoa, fez o primeiro mapa correto do lugar, mas desapontou-se com a acolhida dos insulares que, a essa altura, já andavam fartos das crueldades dos visitantes europeus. Cook não conseguiu levar dos pascoenses mais que um suprimento de batatas-doces e a certeza de que o resto da população, principalmente mulheres e crianças, estava escondido em algum lugar indepassável para as suas patrulhas.

Diz-se, porém, que as poucas mulheres encontradas na ilha foram levadas para bordo e, depois de serem violentadas pelos marinheiros ingleses, jogadas ao mar e alvejadas a tiros enquanto nadavam a terra.

Em 1805, a solitária ilha da Páscoa voltou a ser visitada por outra horda de estrangeiros sanguinários, trazidos pela escuna norte-americana *La Nancy*, que chegava em busca de escravos para trabalhos forçados em uma estação de caça à foca na ilha de Juan Fernandez, também chamada ilha de Robinson Crusoe, ao largo da costa do Chile. Após a matança de praxe, os traficantes norte-americanos conseguiram levar 12 homens e dez mulheres para bordo, e os mantiveram a ferros no porão até estarem bem distanciados da ilha.

Três dias depois, entretanto, tão logo tiveram permissão para sair ao convés, os prisioneiros jogaram-se ao

mar dispostos a voltar a nado para casa, o que não impediu que os norte-americanos retornassem à ilha à cata de novos escravos.

Em 1811, durante a passagem do navio norte-americano *Pindus*, um pascoense foi morto a tiros de fuzil disparados pelo segundo de bordo, chamado Waden, de quem a história só registrou o sobrenome e a boa pontaria. Também é curioso verificar que essa é a única referência à ilha feita pelo capitão do navio em seu diário de bordo. Para ele, a ilha da Páscoa, com todos os seus mistérios, não passava daquele lugar maldito "onde o velho Waden matou um índio".

Algumas décadas se passaram sem que os nativos fossem incomodados por outra leva de turistas sanguinários. Porém, numa manhã de 1862, a ilha despertou com uma frota de seis barcos peruanos ancorados na baía de Ranga Roa, comandada por um certo capitão Aguirre, que andava pela Polinésia à cata de escravos para a extração de guano no litoral sul do Peru.

Os interesses destes traficantes de escravos pelos povos da Polinésia devia-se à recente abolição da escravidão nos Estados Unidos, o que os levou a buscar o braço escravo em outras partes do mundo que não na África negra. Com isso, sofreram não apenas os povos do Pacífico Sul como também os *coolies* chineses e diversas populações da Micronésia, barbaramente seqüestradas de suas terras de origem e levadas para a morte inglória em distantes cativeiros.

Os 1.500 nativos aprisionados por Aguirre não suportaram os maus tratos e as péssimas condições de trabalho nas jazidas peruanas. Em pouco tempo, restavam cerca de 100 indivíduos, que acabaram repatriados graças à intervenção do bispo do Taiti e do cônsul francês

em Lima. Durante a viagem de volta, porém, 75 foram dizimados pela varíola e os poucos sobreviventes contagiaram o restante da população. Em 1877, havia pouco mais que uma centena de habitantes em toda a ilha.

Ainda hoje existem mais estátuas do que nativos na ilha da Páscoa, mas os turistas já não representam ameaça ao extermínio. Finalmente, após quase três séculos de complicadas relações com o mundo exterior, os pascoenses acabaram aprendendo a lidar com os estrangeiros e a tirar maior proveito de suas visitas — o que não impede que ainda sejam vítimas de ameaças ultramarinas.

Sob o domínio político do Chile desde 1888, a ilha foi praticamente abandonada durante décadas. Apenas em meados do século XX, o governo chileno passou a se interessar pela distante possessão insular, promovendo algumas obras públicas e permitindo que os nativos viajassem regularmente para o continente.

Mas as autoridades chilenas também impuseram certas limitações absurdas aos pascoenses que, até bem pouco tempo, não podiam deixar a aldeia de Ranga Roa sem salvos-condutos. Atualmente, os insulares queixam-se de que os poucos empregos disponíveis são ocupados por gente trazida do continente, geralmente oficiais da Marinha, obrigando-os a subsistir miseravelmente em sua terra natal.

O sonho dourado da maioria dos pascoenses continua sendo o de deixar seu vilipendiado paraíso e emigrar para terras onde possam encontrar emprego decente e uma vida mais próspera do que aquela que vêm enfrentando desde a chegada dos primeiros visitantes estrangeiros. ■

